

EDITORIAL

Apresentação do Volume

Editor-Gerente

[Ivaldo Marciano Lima](#)

Editores

[Detoubab Ndiaye](#), Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Campus II

[Dr. Pedro Acosa Leyva](#), UNILAB - São Francisco do Conde /Ba, Brasil

EDITORIAL

Apresentação do Volume

Ivaldo Marciano de França Lima
UNEB DEDC II

Pode-se atribuir ao continente africano uma homogeneidade congênita, subsumida às práticas e costumes culturais? Aliás, é possível dotar a África de algo universal, que não tenha as marcas do fazer e refazer, das ressignificações constantes e típicas de seres humanos que a cada dia atribuem novos sentidos para tudo o que lhe cerca no seu dia a dia? A cada dia que passa, percebe-se que a diversidade é marca registrada deste continente. Dotar o mesmo de um perfil homogêneo, tributário da raça (ou da suposta cor da pele), conceito criado pelos colonizadores, é negar que os as mais recentes pesquisas vem nos trazendo. É possível afirmar a existência de algo em comum em um continente habitado por milhares de povos, que trazem consigo línguas (mais de duas mil), tradições e hábitos distintos? Eis um dos fios condutores desta revista. Com a insistência de quem caminha pelas searas da ciência, ou, de quem acredita nas evidências que se apresentam, sabendo que estas podem algum dia ser superadas ou revistas, África(s) traz em cada volume novos pontos de vista e visões de autores que no geral reforçam as palavras deste breve editorial: não existe uma África, mas várias, dotadas de constantes ressignificações, e de um refazer frenético de indivíduos que no afã de responder suas necessidades, fazem e refazem suas tradições, mitos, crenças e práticas culturais.

E é por este caminho que perguntamos: existe uma música africana? Há como caracterizar o continente como dotado de uma tradição rítmica, possível de ser percebida por uma dimensão homogênea, e mantida a ferro e fogo pela sanha frenética dos instrumentos membrafônicos? Os artigos que integram o dossiê nos mostram que não. Antes de tudo, importa declarar que o continente africano possui tradições rítmicas distintas, seja pela seara dos instrumentos de corda, seja pelos tambores ou instrumentos de sopro. É nisto que nos baseamos, ou seja, a diversidade se encontra presente também entre os que cantam, dançam e tocam. Sim, não existe uma música africana, mas, músicas, com o plural como marca registrada.

E este dossiê, intitulado “**Música e pensamento africano**”, organizado por Tiago Pinto e Priscila Gomes Correa, mostra o quanto há de diverso neste aspecto. A partir de visões e pontos de vista de estudiosos nascidos no continente africano, Kazadi wa Mukuna, Mukasa Situma

Wafula, Dave Dargie, Vusabantu Ngema, Moya Aliya Malamusi e Lucas Johane Mucavele trazem o que há de mais recente nos estudos promovidos pela Etnomusicologia, História e Ciências Sociais. Afinal de contas, o compromisso de África(s) se mantém nas trilhas e searas da interdisciplinaridade. Eis um caminho que foi iniciado no primeiro volume deste periódico, e que se renova a cada semestre.

Dando sequência ao volume, Artemisa Monteiro, em excelente artigo sobre o contexto guineense, no período posterior a II Guerra Mundial, analisa os aspectos que culminaram com a construção da ideia de nação e identidade, e o projeto político defendido por Amílcar Cabral, no artigo intitulado **“O contexto pós segunda guerra: os acontecimentos que impulsionaram a descolonização na guiné dita portuguesa”**. Artemisa entabula questões em torno deste processo, indicando os elementos que desembocaram na independência de Guiné Bissau. Uma boa opção para aqueles desejosos em obter mais informações sobre as especificidades deste belo país localizado na costa atlântica.

No artigo intitulado **“Literaturas africanas: a história na composição narrativa”**, Adilson Oliveira, com a colaboração de seus bolsistas de iniciação científica, entabula uma breve análise de obras literárias do continente africano, que possuem a história como fio condutor. Neste artigo, os autores fazem um estudo comparado dos trabalhos já consagrados de Pepetela, Nadine Gordimer, Coetzee e Mia Couto, mostrando ao leitor os encontros da Literatura com a História. Certamente, o leitor terá em mãos uma excelente oportunidade de perceber como os romances em questão possuem similitudes com a as searas de Clio. Ao que parece, História e Literatura possuem muito mais encontros do que desencontros.

Dando sequência ao volume, corroborando com a tradição interdisciplinar de África(s), Bruno Máximo traz uma fantástica análise e balanço histórico das pesquisas arqueológicas que foram feitas em Angola durante o período colonial. O autor, no artigo intitulado **Pesquisas arqueológicas em Angola: um balanço histórico**, mostra uma breve periodização da Arqueologia neste país e indica as relações desta com as atividades de mineração ocorridas no país das palangras negras. O leitor verá neste trabalho uma boa opção de perceber as especificidades da Arqueologia em solo angolano.

Por último, fechando o volume, e também atribuindo reforço ao caráter interdisciplinar de África(s), Ales Vrbata nos brinda com um belíssimo ensaio, intitulado **“Geopatologia: discurso entre raça, psique e cultura”**. Este artigo é dotado de uma excelente discussão sobre os encontros da Psicologia, História e Ciências Sociais, tendo como pano de fundo a Geopatologia e os contextos que traziam consigo os usos conceituais da “raça”, “psique” e

“cultura”. Importa para o leitor, observar importantes indicações dos debates travados por Jung, e de como este percebeu o processo da colonização europeia no continente africano.

Como sempre, em meio aos acontecimentos diversos, alguns passíveis de serem caracterizados como positivos, o leitor tem em mãos excelente oportunidade de atualizar seus conhecimentos sobre temáticas diversas, alusivas ou relacionadas ao continente africano. Não importa se a noite caiu, e se os tempos estão sombrios. Há aqueles que acreditam ser o senhor de tudo, e que os acontecimentos devem estar submetidos a sua vontade, contudo, o tempo mostra que o mais poderoso entre os poderosos, não conseguiu impor sua vontade para tudo o que lhe cercava. Esta é a nossa missão! Que a diversidade reine, e que nenhum ser consiga se impor aos demais, mesmo que este tenha consigo o poder temporário, pois tudo o que há neste planeta é dotado da impermanência. A todos e todas, uma boa leitura!